

Nas cerimônias, a mesma preocupação com os detalhes, sua característica

SÃO JOÃO DEL REI — O mesmo instinto que a faz uma zelosa dona-de-casa preocupada com todos os detalhes, dona Risoleta mostrou ontem, durante as cerimônias fúnebres de seu marido, o Presidente Tancredo Neves, com marcante presença.

Suas intervenções fizeram com que, por diversas vezes, fosse quebrado o programa previsto minuciosamente para as despedidas do povo. Temendo certamente que se repetissem em São João Del Rei os tumultos de Belo Horizonte, logo que o corpo de Tancredo Neves foi colocado na igreja de São Francisco de Assis, o locutor avisou a multidão:

— Queremos avisar que dona Risoleta prometeu que só quando o último sô-joaense vir o corpo do Presidente Tancredo Neves ele seria enterrado.

As 15h20m o Secretário Especial para Assuntos Extraordinários, Mauro Salles, alertava Governadores e demais autoridades que daí a pouca a visitação pública seria paralisada para a celebração da missa de corpo presente e que o sepultamento seria atrasado algumas horas.

Terminada a missa, o Bispo Dom Lucas Moreira Neves

transmitiu o aviso de que a promessa de dona Risoleta seria cumprida.

Horas antes, pela manhã, quando o corpo de Tancredo Neves deixava o Solar dos Neves carregado por familiares, Dona Risoleta já se preocupava com detalhes ao pedir que a Bandeira Nacional fosse aberta sobre o caixão levado pelo carro blindado.

Dona Risoleta tentou convencer seus parentes a seguir a pé o trajeto de cerca de 300 metros entre o Solar da Praça do Rosário e a Igreja de São Francisco. Alertada pelo filho Tancredo Augusto para que procurasse respeitar o roteiro, ela acabou cedendo e ocupou o Landau de placa 001 do Governador Hélio Garcia. Seus parentes seguiram a pé logo atrás, de braços dados entre a multidão.

Diante dos acenos, Dona Risoleta abriu o vidro da janela do automóvel e, com um lenço branco na mão direita, retribuiu os acenos, palmas e gritos, mostrando o rosto pálido, mas firme.

Ao chegar à praça da igreja de São Francisco e descer do carro, ela dispensou o guarda-sol sugerido por um segurança e fez questão de que o corpo do marido entrasse pela porta do

meio, entre as centenárias palmeiras imperiais.

Atendida, Dona Risoleta seguiu o corpo do marido até a nave do altar-mor, permanecendo ali, ao lado dos parentes. Ao meio-dia, seguiu, acompanhada pelo filho Tancredo Augusto, para a sacristia, onde permaneceu até uma hora, para receber os cumprimentos de Governadores e demais autoridades.

Depois de uma hora de almoço, com o mesmo vestido preguado e casaco preto, estava de novo na nave do altar-mor da igreja até que terminassem as cerimônias do final da tarde, com a missa de corpo presente e a encomendação do corpo.

Embora estivesse sem dormir direito há quatro dias, Dona Risoleta demonstrava disposição para uma conversa amigável e até para reflexões em meio a tanta consternação e movimentação.

Por alguns instantes ela pegou as mãos do cartunista Ziraldo e, com a maior naturalidade, começou a conversar sobre a força de Tancredo Neves e o significado que ele teve para o momento da nação, afirmando que sua morte não é o fim.